

CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: ANÁLISE SOBRE O FILME SOVIÉTICO *CIRCUS* (1936) DE GRIGORI ALEKSANDROV

Krystila Andressa Costa da Silva

Mestranda em História Social pela Universidade Federal de Alagoas
krystilacosta@gmail.com

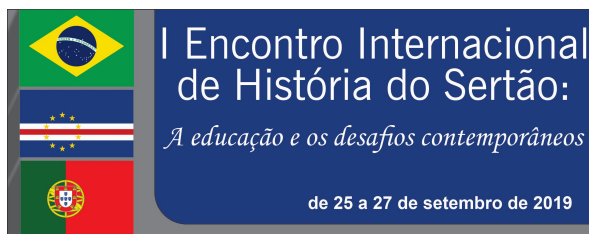
RESUMO

A linguagem cinematográfica tornou-se um dos meios comunicacionais mais eficazes, de 1895 com o surgimento do Cinematógrafo ao presente século XXI, mantém um diálogo direto com a população, criando narrativas, reformulando conceitos e debatendo verdades, a presença do estudo dessa mídia nos meios historiográficos se tornou inevitável, e necessária para compreendermos o passado. Marc Ferro propõe que ao assistirmos as películas, façamos uma análise das entrelinhas de sua produção, é interessante entendermos que “o filme não termina, quando acaba”, é a partir dele que iremos problematizar e levantar as questões nas salas de aula, utilizá-lo como fonte metodológica se torna um exercício prazeroso para alunos e professores. Marcos Napolitano, portanto apresenta alguns aspectos da categoria ensino-aprendizagem: currículo, habilidades e conceitos que norteiam a utilização do audiovisual, assim nossa proposta consiste em analisar o filme soviético *Circus* de Grigori Alexandrov produzido em 1936, onde narra a história de uma artista circense norte-americana, que chega a União Soviética fugindo do seu país por ter dado a luz a um bebê negro, assim saímos do eixo cinematográfico Hollywoodiano, e trabalharemos com estética soviética.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Ensino de História; Circus; URSS

Cinema e História

Em 28 de dezembro de 1895 no Grand Café, em Paris, surgiu uma nova arte, o Cinematógrafo¹ invenção dos irmãos Auguste e Louis Lumière, trouxe movimentos as imagens e sentido as histórias. A primeira exibição cinematográfica foi *L'arrivée d'un train à La Ciotat* (*A Chegada de Um Trem na Estação Ciotat, 1895*) com duração de 50 segundos, esse filme demonstra traços do cotidiano pessoal, através da circulação de jovens, idosos e crianças, após a chegada do trem à estação, em um plano contínuo que nos remete a



simplicidade da vida em sequência, mas agora somos os espectadores das imagens em movimento.

A família Lumière conseguiu fazer do cinema uma prática lucrativa e expansionista em outros países, além de venderem o cinematógrafo, eles produziam boa parte dos filmes, sendo a maior produtora europeia de placas fotográficas (COSTA, 2006, p.19), essas exposições aconteciam geralmente em cafés, onde as pessoas se encontravam para confraternizar, passando seus momentos de lazer. Mediante a expansão do cinema que envolvia em suas narrativas peças teatrais, vaudevilles, pintura, fotografia e feiras culturais, começaram a surgir alguns questionamentos para definir como a “linguagem cinematográfica” se estabeleceu.

Alguns historiadores consideravam essa análise de forma evolutiva e experimental como George Sadoul, Lewis Jacob, sofrendo influência direta de outras artes (COSTA, 2006, p.22), outros consideravam através das construções históricas através da evolução vigente do período. Existe portanto, a necessidade em entendermos o processo cinematográfico, dessa maneira as definições de linguagem ganharam variáveis vertentes, traçando os fatos da construção historiográfica do cinema em seus filmes, produtores, diretores e espectadores que conduzem sons e imagens marcantes em nossa mente, analisando seu uso conseguimos imergir em uma fonte rica de conhecimento e poder, entendendo o filme enquanto fonte histórica, passível a interpretações e construção de conhecimento.

Imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida (BURKE, 2004, p.17), elas conseguem um diálogo imediato com o leitor, o passado agora está expresso em figuras, fotografias, filmagens isso se torna didático, e uma importante evidência histórica. Outro ponto importante é o trato que damos as imagens, pois sempre procuramos entender além do que está exposto, assim devemos ter consciência das fragilidades que a obra pode conter, nem sempre o pintor ou fotógrafo tem a intenção de explorar coisas além da sua obra, e na possibilidade dela ter chegado até nós, já que a destruição é constante na construção da memória, nos “restam” os vestígios, nas brechas exploráveis dos arquivos.

Bernadet (2012, p.14) nos fala que a grande sedução do cinema é o movimento, tornando a ilusão, essencialmente real. Diferente da fotografia ou pintura que transita nesse objetivo, mas não com total sucesso, por não efetivar movimento. O cinema consegue de



maneira mais eficaz levar essa realidade a seu público, a conexão criada entre espectador e filme transcende aos momentos da exibição, pois acaba fixando as cenas, sons e perspectivas no imaginário social do seu público.

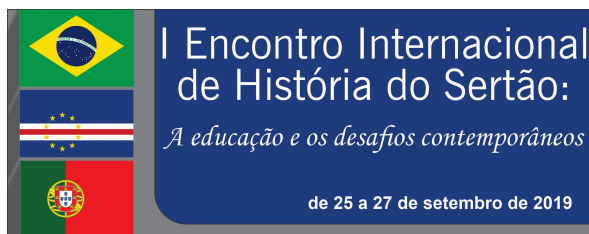
Supõe-se, assim, que a máquina e todo o processo de realização do cinema teriam características e significações independente de quem os usa. Ao que se pode responder que nunca uma máquina tem uma significação em si, ela sempre significa o que a fazem significar (BERNADET, 2012, p.21)

Ao analisarmos um filme partimos da ideia do conjunto de sua produção, o produto final não contempla o trabalho do historiador, interessa-nos as entrelinhas desse projeto, assim perceberemos as influências que compõe o meio, para efetivarmos um sentido a proposta fílmica e sua funcionalidade na escrita historiográfica.

A partir de 1960, a vertente Cinema e História começa a ser debatida nas universidades com maior afinco, especialmente com o historiador francês Marc Ferro através de suas análises apresenta o filme como uma contra-análise da sociedade, afirmando que toda produção é História, e como tal deve ser estudada (FERRO, 1992, p.86). Buscamos perceber os processos das construções das entrelinhas imagéticas que permeiam através dos filmes, tornando-se uma arte plural, que impõe significados que muitas vezes fogem do olhar mais atento dos seus produtores, elucidamos que não existe inocência durante a produção de uma película, por mais esteticamente bela e real que a história venha a ser, existem objetivos estabelecidos para cada função no filme, portanto ele é uma máquina de construção da expressão do real (BERNADET, 2012, p. 20), que configura o poder de fala dos indivíduos, um campo de luta para os enfoques mundiais.

Imagina-se que a realização de um filme produz rivalidades, conflitos, lutas de influência, o que é sabido desde Ivan, o Terrível, e, se isso era verdadeiro anteriormente, permaneceu assim depois. De maneira disfarçada ou aberta, esses conflitos afrontam segundo a sociedade em questão, o artista e o Estado, o produtor e o distribuidor (FERRO, 1992, p.17).

Os conflitos salientados por Ferro para a construção do filme estão embasados pelo olhar mecânico nas telas de cinema, se o Estado se apropria da linguagem cinematográfica, obviamente ele irá exibir filmes que o enaltecem, criando uma imagem positiva e censurando as pessoas que pensam em divergir dos seus ideais. A beleza e fascinação que o cinema cria, está justamente ligado à maneira de se reinventar, conseguindo burlar as regras impostas pelo



Estado, através dos cortes das cenas, colocação dos objetos em cenários, podendo expressar posições ideológicas, como um simples enfoque na cor vermelha ou imagens presente em calendários de determinados períodos, junto à gesticulação e mobilidade dos artistas, que são entendidos quando buscamos a essência de quem dirige ou produz o filme, mesmo estando em razão das ideias do Estado, a câmera é livre para transmitir ideais nas entrelinhas, elas que são tão necessárias para nosso estudo historiográfico, e para dar fôlego ao ramos da História e Cinema.

Ensino de história

Um dos pontos importantes na área de Ensino de História está na análise crítica das diversas experiências dos seres humanos em problematizar o sentido das coisas, entendendo o papel do Estado, lutando pelo direito a igualdade, e a manutenção da democracia, que constantemente é ameaçada. O ensino tradicional explicava a História a partir da identificação das causas longínquas e imediatas dos fatos históricos (SCHMIDT, 2012, p.60), assim uma das grandes preocupações dos professores atualmente é fazer com que seus alunos sintam-se participantes da História, conseguindo manter uma relação de convivência, despertando o interesse dele sobre o passado da sua família, rua ou cidade.

Assim buscamos sair de uma história excludente, dos grandes homens e representantes políticos, para entendermos as particularidades dos sujeitos, das mulheres, dos trabalhadores, processo que se deu a partir dos anos 1970, junto às lutas sociais e políticas, em 1982, houve uma discussão visando às reformulações curriculares (FONSECA, 2003, p. 91).O aluno, portanto sairia da sua zona de conforto onde “sugava” o conhecimento do professor, onde respondia às provas decorativas para obtenção de nota, mas sem nenhuma perspectiva histórica ou crítica a respeito do seu meio, portanto ambicionamos que os jovens reflitam e conduzam a uma transformação social.

A ideia tradicional do professor como detentor do saber está em desuso, compartilhamos informações, por isso devemos ter um maior cuidado ao diversificar as fontes, para auxiliar o aluno a diminuir a distância entre a História que se ensina e a História que se escreve (SCHMIDT, 2012, p.62). O professor deve efetivamente estar preparado para dar suas aulas, estudar e efetuar pesquisas devem ser parte do seu cotidiano, é claro que não



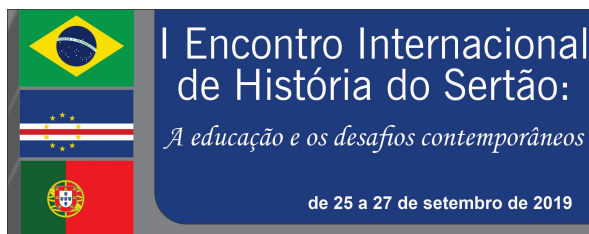
são uma enciclopédia, mas não adianta justificar falta de tempo e a situação caótica da educação, para ministrar aulas medíocres.

A variedade de fontes que atualmente dispomos proporciona ao trabalho pedagógico inovação, a utilização de jornais, filmes, músicas, fotografias, junto à velocidade das redes sociais, auxiliam o aluno a entendermos contextos históricos. É necessário que essas informações sejam filtradas, em especial as encontradas nas redes sociais “vendidas” como verdades absolutas, vivenciamos um século que nos faz imergir nas mais variadas fontes de informações, onde ocasionalmente caímos nas “fake news”, e os professores agora são “inimigos do Estado”, portanto nosso papel consiste em articular e problematizar as fontes, junto ao trabalho de conseguir manter o interesse dos alunos no conteúdo durante as aulas, tarefa bastante complicada, por isso acreditamos que as novas práticas metodológicas servem de auxílio no andamento do cronograma escolar.

O filme é o nosso instrumento didático-pedagógico principal para a problematização dos conteúdos escolares, não podemos utilizá-lo como distração, ou seja, um “tapa buraco” das aulas, sem acrescentar informações ou levantar questionamentos, é necessário um planejamento prévio e uma pesquisa aprofundada do professor para utilizar essa fonte. É importante que os alunos entendam que pluralizar a didática da aula, contribui para seu conhecimento, e não acharem que a exibição do filme é meramente ilustrativa. Explorar como as imagens cinematográficas podem ser trabalhadas no ambiente escolar, ao retratar o uso das “imagens tecnológicas” - cinema, fotografia e televisão – na exigência de um tratamento metodológico específico (BITTENCOURT, 2011, p.362). A ilustração das imagens não são fatos fidedignos da história, mas nem por isso deve ser tratada com descrença, a retratação das imagens diz respeito ao um determinado contexto histórico, que é reconstruído através de uma linguagem visual, chegando até nós como documento para ser estudado.

Utilização do cinema na sala de aula

O filme é uma linguagem plural, nos emociona, convence e nos leva a uma viagem onde facilmente embarcamos, na qual nem sempre questionamos as entrelinhas imagéticas. Existe uma forte diferença do papel do professor de História e do crítico de cinema, não é de nosso interesse avaliar as obras, criticar os conceitos técnicos, atuação, sonorização e arte,



precisamos entender como esse universo do cinema funciona, mas não se ater apenas a produção do filme, pois o que nos interessa é a ligação com os conteúdos trabalhados nas aulas, é necessário que se entenda sobre as produções do filme no período histórico que ele foi produzido, assim o filme é montado e passa por diversas “mãos” até seu produto final, de maneira que estudaremos o não-dito presente nos filmes, auxiliando a construção pedagógica nas aulas de História.

É preciso que o professor atue como mediador entre a obra e os alunos, ainda que ele pouco interfira naquelas duas horas mágicas da projeção (NAPOLITANO, 2015, p.14), a recepção do filme não será homogênea, muitos poderão ficar entediados, atentos, indiferentes, cabe ao professor ir criando laços do aluno com o filme, para que eles possam ir prestando atenção e assim conquistar a classe, por isso deve-se preparar a classe anteriormente sobre as propostas da exibição, se necessário pausar o filme para pontuar questões importantes na história, e ir articulando as ligações das fontes com o conteúdo ensinado, esse é um ponto que claramente vamos chamando atenção ao longo do texto, porque não se pode ser anacrônico com os conteúdos do planejamento didático e nem utilizarem o “tapa buraco”, se está trabalhando com Brasil Colônia, se deve procurar filmes que dialoguem com essa temática e não exibir um filme sobre Revolução Russa.

Napolitano (2015, p.18) nos chama atenção para a articulação de três categorias básicas da relação ensino-aprendizagem: Currículo, Habilidades e Conceitos.

- Currículo: a exibição do filme deve estar ligada com os temas e conteúdos curriculares das disciplinas que formam as grades do Ensino Fundamental e Médio.
- Habilidades: ajuda no desenvolvimento dos alunos com a leitura e elaboração dos textos, decodificando códigos e signos, assim entendendo as entrelinhas imagéticas da sétima arte.
- Conceitos: desenvolver as ideias presentes nos argumentos, proporcionando problematização e debates em sala de aula ou nos projetos escolares.

A utilização dessas três etapas já guia o professor na amplitude do filme, é interessante que nas Habilidades e Conceitos se desenvolva com os alunos a sua capacidade crítica cultural e política, para que eles não tomem aquela história como verdade, mas entendam os



processos que o levaram a serem construídos dessa maneira, proporcionando um debate em sala de aula.

Nóvoa (2012, p.52) trabalha com um esquema de utilização didática, básico e bastante elucidativo para os professores, são sete etapas que auxiliam no processo didático e metodológico:

1. Realizar o planejamento prévio: nesse momento estamos ligando os filmes ao currículo;
2. Fazer o levantamento das películas disponíveis: analisar os filmes que dialoguem com a temática nos variados gêneros cinematográficos;
3. Selecionar os filmes e estabelecer a conexão entre seu conteúdo e a temática a ser trabalhada;
4. Pesquisar processos e fatos históricos concernentes ao período abordado no filme, assim como no período em que ele foi produzido: podemos trazer curiosidades e informações sobre o filme, aguçando o interesse dos alunos em explorá-lo;
5. Analisar e criticar os conteúdos das películas: é o processo de amarração das pontas, para que não fiquem peças soltas junto ao conteúdo escolar.
6. Elaborar questões, reflexões e problemas acerca da temática abordada nos filmes;
7. Organizar as exposições e debates: preparar a turma para exposição, desenvolver uma ficha técnica para que os alunos anotem e escrevam as partes que consideram mais importantes, nesse momento é aconselhável que se pare as exposições para se debater pontos que se julguem necessários, direcionando o aluno a momentos que eles possam não ter percebido.

Sugerimos que na elaboração da ficha técnica sejam colocados pontos que guiem os alunos, despertando a curiosidade para uma pesquisa a respeito da película.

Ficha técnica

(NOME DO FILME)



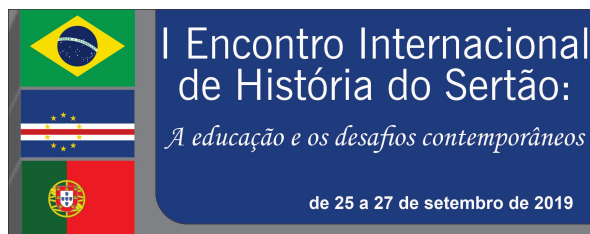
DIREÇÃO/ PRODUÇÃO (ANO)	GÊNERO	PERSONAGENS PRINCIPAIS	CENÁRIOS (ONDE SE PASSA O FILME?)	CRÍTICAS	SUGESTÕES (O QUE VOCÊ GOSTOU? O QUE MUDARIA?)
ALUNO: _____					
DISCIPLINA: _____					

A escolha do filme é a parte mais importante dessa etapa, exige um cuidado para que não se trabalhe cenas com violência ou conteúdo sexual, devem ser evitados filmes que de alguma maneira venham a ferir os valores pessoais dos alunos, mesmo que venhamos a discordar deles, as exibições devem ser de acordo a faixa etária, o professor deve trazer filmes que criem um diálogo com os alunos, e não apenas do seu gosto pessoal. É interessante entendermos a produção do filme, sabemos que muito do que o público brasileiro consome são das indústrias Hollywoodianas, por isso devemos trabalhar com outros tipos de produção, na qual nossa sugestão é o cinema soviético.

Circus: Uma análise do cinema soviético em sala de aula

O filme *Circus* (1936) é uma produção do estúdio Mosfilm, na União Soviética, seu gênero é comédia musical, dirigido por Grigori Aleksandrov e Isidor Simkov. A construção do filme está na personagem de Marion Dixon (Lyubov Orlova), que nas primeiras cenas foge de uma multidão enfurecida nos Estados Unidos da América (EUA), e acaba embarcando num trem a procura de proteção, no qual conhece Franz Von Kneishitz (Pavel Massalky) alemão que a convida para uma turnê na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Entretanto Marion passou a ser ameaçada por Franz por conta do seu “gravíssimo” segredo, o mesmo que a fez fugir dos Estados Unidos, a grande revelação se dá por ela ser mãe de uma criança negra.

Aleksandrov e Dunayevsky conseguem transmitir através da imagem e da trilha sonora um mix do humor inteligente e crítico, junto a canções que fixam na mente do público,



mesmo que esses não entendam a língua russa, demarcando bem o gênero musical da história narrada, atores com trejeitos marcantes e reconhecidos na história do cinema russo, como a atriz Lyubov, compõe uma obra de arte completa na cinematografia soviética, reinventando os processos de propaganda política, através do riso e as músicas ambientes acessíveis de propagação ideológica, Stálin a partir dos anos 1930 começou a se afirmar como herói a título pleno, onipresente (MCNEAL, 1986, p.270) as homenagens a sua imagem e ideologia se tornaram ainda mais frequentes nos meios de comunicação, personificou-se um ideal que luta contra o capitalismo, salvaguardando toda a população soviética, combatente das políticas racistas e imperialistas.

O ápice do filme é a discussão racial, um debate que já era colocado pela Internacional Comunista no 4º Congresso (1922) onde foi formulada uma tese sobre a “questão negra”, e em seu 6º Congresso (1928) constatou que as situações dos negros nos diferentes países são diferentes e por isso requerem um estudo e análise mais concretos (BUONICORE, 2009, p.6), por esses motivos era necessário um plano maior para a questão racial permanecer englobada as pautas comunistas, assim como é importante percebermos a produção do filme nesse contexto, através do diálogo expansivo sobre o negro em meio a diversos povos. No sul dos Estados Unidos ainda estava em vigor as leis de Jim Crow (1876 – 1965), onde a segregação racial era aprovada pelo Supremo Tribunal, e espaços para brancos e negros foram delimitados, assim como não poderia haver casamento. O que justifica o início do filme onde Maryon, seria linchada pela população, por ter tido um relacionamento com um negro, e gerado um filho, é um dos pontos que podemos chamar atenção dos nossos alunos para que eles possam entender a gravidade da segregação racial nos Estados Unidos, mesmo através de um exemplo rápido e simples de um filme soviético. Onde mostra as intenções do governo em apontar os defeitos do país que sempre é vendido nos filmes, como um ambiente perfeito, no qual todos ambicionariam o “*american way of life*”.

A história do filme está muito ligada à emoção, é uma tentativa em nos fazer sentir que estamos aprendendo algo do passado vivenciando indiretamente os seus momentos (ROSENSTONE, 2015, p.174), a emoção em questão é a alegria, sorrisos e descontração onde a plateia está imersa, essa cena desconstrói as caricaturas de russos pragmáticos e frios, e envolvem ainda mais o espectador. E apontam que o melhor estilo de vida é o soviético, é



importante apontar aos alunos a propaganda contida nesse filme, e a tentativa de desconstrução de uma imagem estereotipada construída sobre os soviéticos mundialmente.

É importante percebermos as pautas das propagandas ideológicas existente no filme, ela simboliza aspectos da população que costumeiramente seriam despercebidos, caso não nos atentássemos as entrelinhas, entre elas a construção da personagem Marion que se encanta pela URSS, através do meio social e pela população que é extremamente afetiva e alegre. *Circus* é uma comédia musical que conquista seu público, a experiência de Aleksandrov permite uma junção de bom gosto em suas montagens, a brilhante atuação das personagens, explorados por uma trilha sonora eloquente e carregada de sentimento nacionalista, acrescentando mensagens da luta pela igualdade entre as nações, ao propagar a pauta antirracista que sai das discussões dos intelectuais comunistas, e encontra lugar no cinema popular.

Utilizamos uma tabela do professor Marcos Napolitano presente no livro *Como usar cinema na sala de aula para fichamento dos filmes*, exemplificamos e elaboramos algumas questões que podem ser abordadas com os alunos ao se trabalhar com *Circus*:

- Público-alvo: Ensino Médio
- Área principal: História Contemporânea (Período Entreguerras)
- Cuidados: Não existe cenas de nudez, sexo ou palavrões
- Gênero: Comédia Musical
- Duração: 89 minutos
- Idioma: Russo
- Roteiro de análise:
 - Analisar a personagem Marion (norte-americana), Martinov (soviético) e Franz (alemão);
 - O núcleo das personagens do Circo que compõe um contraponto da ideia hollywoodiana do povo soviético;
 - Compreender o momento histórico dos Estados Unidos que levou a expulsão e quase linchamento da Marion, por ter um filho negro;
 - Entender as pretensões soviéticas ao receber Marion na URSS;



- Trabalhar os desfiles e exaltações da União Soviética, através de Josef Stálin.

Considerações finais

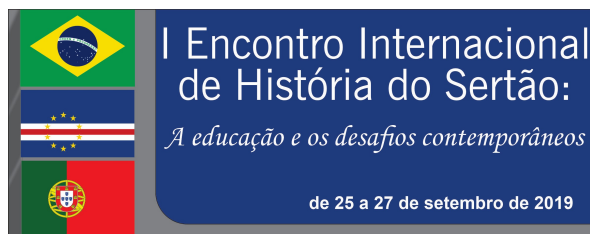
Utilizar o filme como uma ferramenta metodológica inicialmente pareceria ser “simples”, isso quando o tomamos como uma simples exibição durante a aula, a História do Cinema é riquíssima para ser exploradas nas aulas de História, ou em Feiras de Cultura que interligam diversas disciplinas, podendo encontrar afinidades na linguagem cinematográfica. No nosso caso o Ensino de História não precisa estar fechado ao gênero documentário, para nortear as aulas, mas devemos explorar os diferentes gêneros e sondar as entrelinhas dessa linguagem, é o que Marc Ferro nos propõe a entender porque a história é vendida como “verdade”, e não se ela é a verdade dos fatos.

É importante que o filme se torne um texto-gerador, que não fique só como uma “ilustração”, mas usar criticamente a narrativa e as representações filmicas como elementos propulsores de pesquisas e debates temáticos (NAPOLITANO, 2015, p.28), é o que pretende-se com a utilização, não temos uma fórmula perfeita, apresentamos alguns apontamentos que auxiliam os professores a desenvolverem essa didática, não há espaço para o professor tradicional, que acha que História se faz decorando datas, a História precisa ser feita criando hábitos de problematização, criticidade, abrangendo um diálogo com todos os tipos de tecnologias e fontes.

Circus foi escolhido para sairmos do eixo norte-americano de filmes, e para que conheçamos outra produção, provavelmente os alunos irão sentir um desconforto por assistir o filme em preto e branco, com seu idioma original russo, mas é um trabalho que vale a pena, é importante ampliarmos o espaço imaginário dos alunos, abordando e apontando temas que são importantes até nossa atualidade, como as lutas antirracistas e propagandas ideológicas.

NOTAS

¹ Máquina a manivela que permitia capturar imagens, revelar o filme e projetá-lo através de uma tela, na sala escura, dando origem a uma das maiores artes mundiais: os filmes.



Referências

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011

BUONICORE, Augusto C. **Reflexões sobre o Marxismo e a Questão Racial**. p.1-13. p.6. Disponível em:http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/85_REFLEXOES SOBRE O MARXISMO E A QUESTAO RACIAL.pdf acesso em 28 de setembro de 2019.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLOS, Fernando. **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

HOBBSAWM, Eric J (coord). **História do Marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: a URSS, da construção do socialismo ao Stalinismo**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sergio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MCNEAL, Robert. As instituições da Rússia de Stálin. In: HEGEDUS, Andrés.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2015.

NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção. Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema. In: NÓVOA, Jorge. **Apologia da relação cinema-história**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano na sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.